

E EIS QUE TUDO “ERA” MUITO BOM: UMA RE-LEITURA DO LIVRO DA NATUREZA NUMA PERSPECTIVA FILOSÓFICA ADVENTISTA

Wellington Gil Rodrigues¹

Resumo

A crise ecológica tem sido muito debatida na atualidade, ainda assim parece que a maioria dos cristãos não tem participado do debates de uma forma construtiva, opondo-se, muitas vezes, ou mesmo recusando tratar sobre o tema. Diante disso, o objetivo desse artigo é discutir a relação da visão de mundo adventista diante dos atuais problemas ambientais, acessando essas questões através dos aspectos epistemológicos, metafísicos e axiológicos. Assim, o interesse do mundo pelos temas ecológicos pode ser uma oportunidade para que os adventistas do sétimo dia contribuam para com esse debate de uma forma contextualizada com seus valores cristãos.

Palavras-chave: Crise Ecológica. Meio Ambiente. Filosofia Adventista.

Abstract

The ecological crisis has been much debated today, yet it seems that most Christians have not participated in discussions in a constructive manner, often opposing or even refusing to speak about the topic. The aim of this paper is to discuss the relationship of the Adventist worldview with today's environmental problems accessing these issues through the epistemological, metaphysical and axiological aspects. We conclude that the interest of the world for ecological issues is a unique opportunity for Seventh Day Adventists contributes to this debate in a context with their Christian values.

Key-words: Ecological Crisis. Environment. Adventist Philosophy.

Introdução

A atual crise ambiental demonstrada através das constantes manifestações da natureza em forma de furacões, tsunamis, terremotos, fomes e tempestades evocam vários questionamentos sobre as causas e soluções para o problema ecológico. As perguntas e respostas têm sido procuradas em vários planos, aspectos tecnológicos (industrialização), aspectos sociológicos

(relações de produção e consumo capitalistas) e aspectos éticos (relação homem-natureza). Houve até quem apontasse que a causa do problema teria componentes religiosos, ou seja, a injunção divina para dominar a terra teria provocado um ethos predatório nas relações homem-natureza, predominantemente no ocidente cristão².

Nenhuma instituição social, hoje, pode se eximir de dar a sua contribuição para a análise e solução dos problemas

¹Pedagogo, Mestre em Educação (UFMA), professor de Ciência e Religião nas Faculdades Adventistas da Bahia. E-mail: wellgil2000@hotmail.com

²Em 1967, o historiador da universidade da Califórnia, Lynn White, escreveu um artigo o qual foi publicado na Revista Science. O artigo intitulava-se: “The Historical Roots of Our Ecologic Crisis,” [As Raízes Históricas da nossa Crise Ecológica] em que Lynn afirmava que a culpa pelos problemas ambientais deveria ser colocada sobre a influência da herança judaico-cristã no ocidente.

ambientais, visto que estamos sendo afetados por uma situação que pode ser caracterizada como uma verdadeira crise planetária. A defesa de que o ethos cristão não foi o responsável pela atual condição degradada da terra já tem sido feita por vários escritores, portanto agora pode ser mais relevante para as instituições confessionais educativas saírem da defensiva e promoverem uma participação mais eficaz e positiva na defesa de uma postura responsável para com o ambiente terrestre. Dessa forma, a partir de uma perspectiva filosófica abrangente, que envolve também elementos da ciência e da religião, procuraremos discutir a questão da crise ecológica e as concepções de mundo adventistas dentro de três aspectos principais: o epistemológico, o metafísico e o axiológico, cada um envolvendo questões específicas que contribuirão para esse debate.

O grito da natureza - Aspecto Epistemológico

Antes de buscarmos as respostas, devemos primeiro estabelecer a relevância de nossas fontes de pesquisa. Nesse sentido, a epistemologia trata das questões relativas à possibilidade do conhecimento, se esse conhecimento é relativo ou absoluto, se existem verdades independentes da experiência e outras questões sobre as possibilidades e limites do conhecer. Para nosso propósito é suficiente ocuparmo-

nos com as fontes do conhecimento e, mais especificamente, a pergunta: o que e como podemos conhecer a respeito da natureza?

Knight (2001, p. 22-23) destaca algumas fontes de conhecimento apresentadas nos estudos epistemológicos como os sentidos, a revelação, a autoridade, a razão e a intuição. Durante séculos essas fontes de conhecimento têm sido convocadas a lutar uma contra a outra a fim de testemunhar a existência ou inexistência de Deus, a validade ou não do relato bíblico, da predominância de uma visão científica ou de uma visão religiosa nos estudos sobre a natureza. Nesse contexto, para muitos cristãos, hoje a pesquisa científica tem-se demonstrado um grande desafio à sua fé, pois não vêem como conciliar esses relatos às vezes tão discordantes da Bíblia e da ciência. No entanto, o intelectual cristão deve saber que

[...] na verdadeira ciência, nada pode haver que esteja em contradição com o ensino da Palavra; uma vez que procedem ambas do mesmo Autor, a verdadeira compreensão delas demonstrará sua harmonia. Seja o que for, nos chamados ensinamentos científicos, que contradiga o testemunho da Palavra de Deus não passa de conjectura humana. A esse estudante, a pesquisa científica abrirá vastos campos de pensamentos e informações. Ao ele contemplar as coisas da natureza, advém-lhe uma nova percepção da verdade. O livro da natureza e a Pa-

lavra escrita derramam luz um sobre o outro. Ambos o fazem relacionar-se melhor com Deus, ensinando-lhe o que concerne ao Seu caráter e às leis por meio das quais Ele opera. (WHITE, 2004, p. 462).

Portanto, para o estudante cristão estão disponíveis os dois grandes livros do universo, o primeiro é a própria natureza, também chamada de revelação natural, um livro ao qual ele não deve temer o seu estudo e o segundo é a revelação especial, a qual ele não deve desprezar, ou seja, o estudo da Bíblia. Para ele a natureza ainda é capaz de falar, já que “os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos.” Sal. 19:1. E também aceita que “toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa para ensinar, para repreender, para corrigir, para instruir em justiça.” 2Tm 3.16.

A dicotomia criada e alimentada por cientistas e religiosos entre ciência e religião não se sustenta através do estudo da história da ciência, pois hoje se sabe que os grandes cientistas que fizeram nascer a cidade moderna nos séculos XVI e XVII eram, em maioria, cristãos e que faziam de sua prática científica um meio de glorificar o Criador. Ademais, não se pode simplesmente colocar a razão, os sentidos, a experiência ao lado da ciência, e a revelação e intuição ao lado da religião, pois tanto ciência e religião possuem elementos que valorizam a autoridade, a razão, os

sentidos, a intuição.

Assim, como hipótese de trabalho, o cristão deve procurar integrar esses aspectos e poder retirar da natureza informações que poderão nos ajudar a formar uma síntese coerente que demonstre as razões de nossa fé. Aceitemos a sugestão que se encontra em Jó 12:8 “Fala com a terra, e ela to ensinará.”

Acredito que o grito da natureza, hoje vocalizado através da crise ecológica, é uma mensagem de Deus para a humanidade, um chamado para reconhecer “Aquele que fez os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há” e para descobrir o papel da humanidade em meio a essa crise.

À sua imagem e semelhança - Aspecto metafísico

A metafísica que literalmente significa “além da física” refere-se ao estudo filosófico sobre a natureza da própria realidade, buscando responder à questão principal: o que é a realidade? Segundo Knight (2001) o estudo da metafísica envolve alguns aspectos: o primeiro é o cosmológico, o qual se preocupa em responder às questões de como se deu a origem e a ordenação do cosmos? Existe algum propósito para o universo existir? O segundo aspecto é o teológico, que trata das questões sobre a existência, os atributos de Deus e suas relações com o mundo. Outro tema relevante nesse aspecto é a existência do

mal e como se pode conciliar sua existência com um Deus todo-poderoso e bondoso. O terceiro aspecto é o antropológico, no qual o ser humano é o próprio objeto de pesquisa, tendo como principais perguntas: o que é o homem? O homem é um ser composto de substância espiritual ou apenas material? Qual a relação entre mente e corpo? O ser humano realmente é dotado de livre arbítrio ou é determinado pela sua natureza biológica e contexto social? E, por último, e não menos importante, temos o aspecto ontológico, que é o estudo da natureza da própria existência, buscando pesquisar as seguintes questões: qual a realidade básica do universo, ele é composto de matéria, de energia, dos dois componentes ou mais? Porque existe alguma coisa ao invés do nada?

Diante disso, buscaremos relacionar cada um desses aspectos com a questão principal da crise ecológica. Para isso, não isolaremos cada um dos aspectos, mas lidaremos com todos eles conjuntamente, utilizando principalmente como base teórica a Bíblia e os escritos de Ellen G. White.

O primeiro verso do livro do Gênesis afirma que "no princípio Deus criou os céus e a terra". Aqui, de uma maneira simples e concisa, é afirmado que a natureza deve sua origem a um ser volitivo, pois tomou a iniciativa de, a partir do nada, trazer a existência os inumeráveis mundos que compõem o universo, um ser inteligente, pois organizou as leis que conferem ordem,

beleza e simetria à sua criação, e um ser todo-poderoso, já que foi capaz de comandar e criar tudo o que existe através de Sua palavra, "Porque falou, e tudo se fez; mandou, e logo tudo apareceu. Lançou os fundamentos da Terra, para que não vacile em tempo algum." Sal. 104:5.

Nesse versículo tão breve, a Bíblia responde aos maiores questionamentos já feitos pela filosofia e pela ciência. Existe um Deus? Sim, a natureza não é fruto de um processo aleatório, evolucionário ou de uma força impessoal que impregna o universo. A ordem natural com suas milhares de variáveis em perfeita sintonia para manter a existência da vida (força nuclear fraca e forte, força eletromagnética, força gravitacional e todas as interações atômicas, moleculares, orgânicas e dos ciclos ecológicos) é decorrente de um Deus pessoal, não se pode confundi-Lo com sua própria criação, a natureza aponta para Deus, mas não é Deus!

Diante disso, podemos, certamente, saber que existe um propósito para a existência do universo e da vida humana, pois

Foi o Criador de todas as coisas que ordenou a maravilhosa adaptação dos meios ao fim, e do suprimento às necessidades. Foi Ele que no mundo material proveu para que todo o desejo implantado devesse ser satisfeito. Foi Ele que criou o ser humano, com sua capacidade para saber e amar. E Ele não é por natureza de molde

a deixar não satisfeitos os anelos do coração. Nenhum princípio intangível, nenhuma essência impessoal ou simples abstração poderia satisfazer às necessidades e anelos dos seres humanos nesta vida de lutas com o pecado, tristeza e dor. Não basta crermos na lei e na força, em coisas que não têm piedade ou nunca ouvem o brado por auxílio. Precisamos saber acerca de um braço todo-poderoso que nos manterá, e de um Amigo infinito que tem piedade de nós. Precisamos agarrar-nos a uma mão aquecida pelo amor, confiar em um coração cheio de ternura. E efetivamente assim Deus Se revelou em Sua Palavra. (WHITE, 2008, p. 133).

Nesse sentido, tanto o ateísmo como o panteísmo estão desqualificados como alternativas viáveis de crença para aqueles que aceitam a bíblia como um relato digno de confiança, qualquer outra opção descaracteriza a Deus e a veracidade de Sua palavra revelada. No entanto, a existência do mal no universo, atestada até mesmo por aqueles que não crêem, mesmo que denominada por outros rótulos tais como: ignorância, violência, corrupção e pobreza, fazem com que muitos não consigam conciliar a existência desses dois princípios antagônicos, bem e mal, amor e ódio, ou seja, muitos fazem o seguinte questionamento: ou Deus não é amor ou ele não é todo-poderoso, ou então Ele simplesmente não existe! A intuição de que existe alguma coisa errada no universo

é alimentada pela própria natureza, pois claramente se pode notar que ali o belo convive com o feio, que a rosa convive com o espinho, um meio ambiente em que a seleção natural impera e no qual muitas vezes só o mais forte sobrevive.

Dessa forma, a fim de manter a crença em um Deus criador e, ao mesmo tempo, justificar a existência do mal, muitos passaram a crer que a natureza funciona através de leis automáticas criadas por Deus no início dos tempos, um Deus que se afastou da sua criação e a deixou desenvolver-se por si mesma, uma natureza que atualiza a potência que o criador plantou dentro de cada ser. Essa crença, chamada Deísmo, também não é compatível com uma cosmovisão bíblica-adventista visto que

O mesmo Deus que guia os planetas opera no plantio do fruto e na horta de vegetais. Jamais Ele criou um espinho, um cardo, uma erva daninha. Estes são obras de Satanás, resultado de degeneração, por ele introduzidas entre as coisas preciosas; mas é por meio da imediata ação de Deus que cada botão se abre em flor. Quando esteve no mundo na forma humana, Cristo disse: “Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também.” João 5:17. (WHITE, 2007b, p. 172).

Deus está operando continuamente na natureza, mas ainda assim Ele não é responsável pelo mal, pela existência da relação presa-predador, pelo joio conviv-

endo com o trigo “pois um inimigo é quem fez isso.” Mat 13:28.

A responsabilidade pelo mal existente na natureza nos remete para a criação da humanidade quando “disse Deus: façamos o homem à nossa [imagem], conforme a nossa semelhança”. Gn 1.26.

Muitos equívocos sobre a natureza humana têm surgido ao longo da história e cada um deles com sérias implicações para as relações do homem consigo mesmo e para com seu meio ambiente. Nessa perspectiva, destacaremos dois dos principais equívocos, os quais aparentemente são tão díspares, mas comungam o mesmo desprezo pela revelação especial e especificamente sobre a origem do homem conforme o relato de Gênesis.

O primeiro equívoco se caracteriza pela naturalização do homem, ou seja, atribuir a sua origem a um processo impessoal e aleatório, consubstanciado na teoria da evolução a qual

Atribui a evolução do homem, a coroa gloriosa da criação, a uma linha ascendente de microrganismos, moluscos e quadrúpedes. [...] deveremos nós, para ter o privilégio de delinear nossa descendência pelos microrganismos, moluscos e macacos, consentir em rejeitar a declaração da Escritura Sagrada, tão grandiosa em sua simplicidade: “Criou Deus o homem à Sua imagem; à imagem de Deus o criou”? Gên. 1:27. (WHITE, 2008, p. 130).

Uma das componentes principais da teoria da evolução é a hipótese da ancestralidade comum, a qual mediante o estudo da anatomia comparada atribui as semelhanças nos planos estruturais dos órgãos de vários seres vivos, tais como o braço e a mão humanos, a nadadeira do golfinho, a asa do morcego, a asa de ave entre outros, à existência de um antepassado comum a todas essas espécies. Na verdade, o relato darwinista ainda vai mais longe e coloca o homem em uma linha direta de parentesco com todas as formas vivas, não só com os animais como também com os vegetais, pois de acordo com esse relato todos os seres vivos são descendentes das primeiras células que surgiram na terra.

Essa linha demarcatória bastante atenuada entre natureza e humanidade, proporcionada pelo relato evolucionista, faz com que os partidários dessa cosmovisão sejam, e queiram, ser percebidos como muito mais favoráveis a uma postura de respeito e cuidado para com a natureza, visto que entendem que a diferença entre humanidade e natureza é apenas uma diferença quantitativa e não qualitativa.

A questão da transcendência ou não do homem em relação ao restante da natureza, alimenta as críticas quanto a uma disposição cristã de incentivar a predação do meio ambiente, já que o homem foi criado à parte, pelas próprias mãos do Criador e deste recebeu a ordem do domínio. Isso,

de certa forma, implica em que o homem tem o direito e mesmo o dever de se submeter à terra. É evidente que a história registra esse ethos predatório, principalmente no ocidente dominado pela cultura judaico-cristã, e hoje entendemos essa leitura como uma má interpretação do relato bíblico, assunto que aprofundaremos no tópico sobre a axiologia. Por hora, é importante que se diga que:

[...] considerando quantas vezes as supostas deduções da ciência são revistas ou rejeitadas, bem como com que prontidão os admitidos períodos de desenvolvimento da Terra são de tempos em tempos aumentados ou diminuídos em milhões de anos, e como as teorias sustentadas por diferentes cientistas se acham em conflito entre si [...] Deveremos rejeitar aquele relato genealógico - mais nobre do que qualquer que zelosamente se conserve nas cortes reais: "Sete, de Adão, e Adão, de Deus"? Luc. 3:38. Corretamente entendidas, tanto as revelações da ciência como as experiências da vida se acham em harmonia com o testemunho das Escrituras relativo à constante operação de Deus na natureza. (WHITE, 2008, p. 130).

A ideia de que o homem foi feito à imagem e semelhança da divindade levou muitos a confundirem as fronteiras entre o divino e o humano, e isso nos leva ao segundo equívoco, o qual se caracteriza por espiritualizar a natureza humana considerando-a como divina.

Diametralmente oposto ao erro anterior, que rebaixava o homem ao nível animal, esse outro equívoco o iguala a Deus, também ignorando o relato bíblico que afirma que o homem tem origem divina, mas não é um tipo de deus, isso caracterizaria uma forma de espiritismo, o qual "afirma que os homens são semideuses, não decaídos". (WHITE, 2008, p. 228).

Assim, é levantada a questão de qual seria a relação dessa postura de divinização do humano para com a questão do meio ambiente?

A crítica e as especulações concernentes às Escrituras têm aberto o caminho ao espiritismo e à teosofia - essas formas modernas do antigo paganismo - para conseguir firmar-se mesmo nas professas igrejas de nosso Senhor Jesus Cristo. (WHITE, 2007b, p. 130).

Essa relação que Ellen G. White estabelece entre espiritismo e paganismo é bastante relevante para nosso estudo, haja vista que o antigo paganismo se caracterizava pela divinização da natureza, pelos cultos realizados nos bosques e nas florestas, pela invocação de entidades que personificavam forças da natureza, tais como Baal e Astarote na Fenícia, nos cultos aos ancestrais totêmicos na América ou na adoração ao sol dos sacerdotes druidas na cultura celta. Ora, atualmente esse passado pagão que parecia ter sido enterado pelo advento do cristianismo está res-

surgindo na pós-modernidade através dos cultos da Nova Era, da prática da Wicca, da adoração a deusa Gaia, dos adoradores de seres intergalácticos, do uso dos cristais, da meditação transcendental, das medicinas alternativas, dos movimentos ambientalistas etc.

Essa filosofia da re-união do homem com o todo, propagada pelos adeptos da Nova Era, tem ganhado adeptos até mesmo entre os intelectuais das ciências, tais como Fritjof Capra, professor da universidade da Califórnia e autor do famoso “O Tao da Física”, e tem avançado em vários campos através dos conceitos de holismo, transdisciplinaridade, transversalidade e complexidade. Esses movimentos têm assumido a dianteira na denúncia das condições precárias do ambiente terrestre e na defesa de uma mudança de postura nas relações homem-natureza, às vezes até mesmo através de atitudes bem combativas como é o caso do Green Peace na questão da caça às baleias.

Talvez essa ligação do neopaganismo, com a defesa do meio ambiente, seja responsável pela resistência cristã e, especialmente, adventista a participar da luta ao lado dos movimentos ambientalistas, é o que pensa Zuill (1994), ao citar vários autores, afirma que a atitude de indiferença ou hostilidade aberta ou velada da igreja parece está baseada em uma suspeita do movimento ambientalista visto suas não sutis conexões com antigas

crenças animistas e panteístas pré-cristãs, quando o homem vivia ainda na “floresta encantada” e também com suas relações com a esquerda, feminismo e movimentos pós-modernos, os quais no espectro ideológico estão bem distantes da cosmovisão adventista. Alguns chegam mesmo a afirmar que o movimento ambientalista faz parte da conspiração do anticristo para o governo do mundo através da pregação de uma nova era em que homem e natureza viverão novamente em harmonia.

Acreditamos que essa ligação inequívoca entre defesa do ambiente e o neopaganismo (práticas da nova era) não seja razão suficiente para os adventistas assumirem uma postura de descuido para com a natureza, visto que o conceito de mordomia, tão caro à teologia adventista, envolve uma relação de responsabilidade do homem para com a natureza, o que envolve a tomada de iniciativas concretas com elaboração de programas de conscientização ambiental impregnados da mensagem do evangelho eterno. Pois, é possível perceber que a mensagem do 1º anjo de apocalipse 14 envolve um chamado à defesa do meio ambiente “Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é chegada a hora do seu juízo; e adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”.

Se o objetivo da pregação do evangelho é advertir as pessoas para salvá-las, então devemos anunciar a toda tribo, língua e nação que está chegando o juízo “e

o tempo de serem julgados os mortos, e o tempo de dares recompensa aos teus servos, os profetas, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres **[os que destroem a terra]**. Ap 11.18.

Natureza: Manual de utilização - Aspectos éticos e estéticos

De acordo com Knight (2001, p. 28) a axiologia, que etimologicamente significa o estudo dos valores, possui dois ramos principais: a ética e a estética. A ética preocupa-se em estudar as seguintes questões: o que é correto? O que é errado? Qual a atitude a ser tomada nessa e naquela situação? E a estética envolve as questões: o que é belo? O que é feio? Esses dois aspectos não estão isolados, já que a pergunta “do que eu deveria gostar?” indica a existência de uma questão normativa (ética e moral) e também gosto, preferência (estética). Fazendo a ligação entre esses aspectos e a preocupação com o meio ambiente lidaremos, aqui, com a pergunta: qual a relação ideal homem-natureza na perspectiva adventista?

A maioria dos cristãos acredita que os tipos ideais de todas as relações possíveis foram estabelecidos na própria criação, visto que depois de cada ato criativo o Gênesis afirma que “viu Deus que isso era bom.” Portanto, precisamos retomar esse relato em busca das relações origi-

nais do homem para com a natureza.

Destacamos duas passagens principais que indicam o ideal de Deus para a relação homem-natureza: a primeira está em Gn. 1:28: “Então Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos; enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se arrastam sobre a terra”. E a segunda, em Gn. 2:15: “Tomou, pois, o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e guardar.”

Como conciliar o guardar com o dominar? Estaria ordenando Deus uma predação sobre aquilo que ele considerou bom? Ou sugerindo uma ética de dominação do meio ambiente?

Precisamos entender a natureza desse domínio, o que envolve a mordomia do homem sobre a natureza, pois alguns sublinham o dominar justificando com uma postura de exploração, do uso e abuso da natureza para o bem do próprio homem e é exatamente essa interpretação que municia as acusações dos ambientalistas contra os cristãos conservadores. Toma-se como exemplo os Estados Unidos (o grande ausente na assinatura do Protocolo de Kyoto), em que é inegável a postura antiambiental de alguns fundamentalistas religiosos e do próprio Partido Republicano, para os quais o mandato divino do dominar não está relacionado com o lavrar e guardar.

É possível que alguns localizem

o mandato divino de lavrar e guardar especificamente para o jardim do Éden e que o dominar está reservado para o restante da terra, e como o homem foi expulso do jardim só restou, então, dominar e sujeitar a terra! É essa interpretação possível a partir de uma perspectiva bíblico-adventista? Penso que não

[...] e, através de infindáveis séculos, os habitantes dos mundos que não pecaram contemplarão no jardim de delícias um modelo da obra perfeita da criação de Deus, intato da maldição do pecado - modelo do que teria sido a Terra inteira se tão-somente houvesse o homem cumprido o plano glorioso do Criador. (WHITE, 2007c, p. 62).

Era o intuito de Deus que o homem deveria expandir o jardim além das fronteiras do Éden. E se alguém afirmar que isso não é mais importante, ou que não é mais possível depois da entrada do pecado no mundo, poderíamos também perguntar se não é possível hoje comemorarmos o aniversário da criação, ou seja, guardar o sábado bíblico!

Como comemorar o aniversário da criação enquanto compactuamos com posturas predatórias ou no mínimo desconsideramos a importância das questões ambientais? Existem motivos para a resistência da maioria dos religiosos cristãos e, especificamente, dos adventistas a um engajamento com a causa ambiental?

Mhlanga (2000, p. 252), citando a

obra de Gene Johnson "Keepers of the Garden" (Guardadores do Jardim), apresenta três posicionamentos que os adventistas tendem a apresentar, buscando se eximir da discussão e participação nas questões ambientais: o primeiro está relacionado à crença na iminente volta de Jesus, cuja conclusão parece implicar no seguinte pensamento: "porque me preocupar com algo que vai ser destruído em breve?". O segundo está relacionado ao medo de ser denominado um fanático do meio ambiente [eco-freak] e o terceiro refere-se à resistência de aceitar os outros (movimentos ambientalistas, feministas, nova era etc.) como modelos para as ações de proteção à natureza.

Poderíamos ainda assinalar algumas outras posturas tais como: "Não há crise!"; "Não há nada que possamos fazer visto que a crise é sinal do fim dos tempos, é profética, portanto inevitável!". Nessa perspectiva, tentar contribuir para solucionar a crise soaria quase como adiar a volta do próprio Cristo!

É intrínseca essa relação das crenças escatológicas dos adventistas do sétimo dia e as posturas de resistência e desinteresse pelo debate ambiental? Penso que não. A nossa herança espiritual e intelectual aponta na direção contrária a esse desinteresse, e que o grande diferencial adventista que é a guarda do sábado bíblico, aponta para o dever (ética), de tanto quanto possível modelar o mundo e a

humanidade à imagem da criação original de Deus (estética) pois

O valor do sábado como meio educativo, está além de toda a apreciação. [...] O sábado é um sinal do poder criador e redentor; ele indica a Deus como a fonte da vida e do saber; lembra a primitiva glória do homem, e assim testifica do propósito de Deus em criar-nos de novo à Sua própria imagem. O sábado e a família foram, semelhantemente, instituídos no Éden, e no propósito de Deus acham-se indissolúvelmente ligados um ao outro. Neste dia, mais do que em qualquer outro, é-nos possível viver a vida do Éden. (WHITE, 2008, p. 250).

A educação ambiental devidamente contextualizada com a filosofia de educação adventista é uma das principais contribuições que podemos dar para esse debate. Essa íntima relação entre ética e estética, entre a humanidade e a natureza, entre humanidade e Deus, entre o sábado e a preservação do meio ambiente deve ser transmitida ao mundo e, principalmente, às novas gerações. Devemos, portanto, lembrar-nos de que

Na mente infantil, o próprio pensamento do sábado deve estar ligado à beleza das coisas naturais. Felizes são o pai e a mãe que podem ensinar a seus filhos a Palavra escrita de Deus com ilustrações tiradas das páginas abertas do livro da natureza; que podem com eles reunir-se sob as verdes árvores, no ar fresco e puro, para es-

tudar a Palavra e cantar os louvores do Pai celestial. (WHITE, 2008, p. 251).

Devemos integrar a beleza interior de um espírito em comunhão com Deus com a beleza do mundo natural que nos cerca, pois a erradicação da mancha e do desequilíbrio causada pelo pecado deve começar aqui na própria terra através do lavar e do guardar, através da modelação de mentes e do meio ambiente. Dominar nesse sentido significa fazer o planeta à Sua imagem e semelhança.

Criação e redenção se fundem através do ato de Cristo em possibilitar que seres, uma vez caídos, cujo planeta testemunha dessa queda “[...] porque sabemos que toda a criação, conjuntamente, geme e está com dores de parto até agora.” Rm 8.22, possam mais uma vez voltar ao seu lugar de origem que é o Éden restaurado.

Considerações finais

A proposição de uma re-leitura do livro da natureza através das lentes da revelação especial é latente. A crise ambiental percebida e comentada por estados, políticos, ambientalistas, empresas e vários grupos sociais é uma oportunidade, e sem precedentes na história humana, para que o homem seja situado no lugar original como mordomo da casa, uma casa planetária que é a Terra. Oportunidade única para uma mensagem também única e última a todo o planeta. É necessário aprovei-

tá-la e, para isso, precisamos entendê-la, relacioná-la com o contexto bastante peculiar, proporcionado por nossa filosofia de vida. Os adventistas do sétimo têm um papel importantíssimo a desempenhar nessa última grande crise, entenderão eles esse papel? Estarão dispostos a estudar essas questões científicas sob um prisma bíblico? Estarão dispostos a rever suas concepções sobre as relações entre o homem e a natureza e a adotar uma atitude mais engajada quanto ao problema ambiental? A expectativa é que a resposta de todos que comungam dessa fé seja sim.

Referências

- JOHNSON, Gene. **Keepers of the Garden**. Ministry (August 1988).
- MHLANGA, Paul. **Stewardship Of The Environment: An Adventist Imperative**. Paper preparado para o 26º International Faith and Learning Seminar no Geoscience Research Institute, Loma Linda, California, U.S.A. July, 2000. Disponível em: https://www.aiias.edu/ict/subject_index/environment_sciences.html. Acessado em 02/03/2010.
- NIGHT, George. **Filosofia & Educação: Uma introdução da perspectiva cristã**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2001.
- WHITE, Lynn. **The Historical Roots of Our Ecologic Crisis**. Science 155, 1967.
- WHITE, Ellen G. **A Ciência do Bom Viv**er. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. **Conselhos sobre Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007a.
- _____. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007b.
- _____. **Patriarcas e Profetas**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007c.
- _____. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.
- ZUILL, Henry A. **Expanding The Garden: A Christian's View Of Nature**. Paper Preparado para o International Faith and Learning Seminar no Newbold College, Bracknell, Berks, England, 1994. Disponível em: https://www.aiias.edu/ict/subject_index/environment_sciences.html. Acessado em 02/03/2010.